

REPRESENTAÇÕES DE LÍNGUA, APRENDIZAGEM E IDENTIDADE NACIONAL NO DIZER DE FALANTES DE ESPANHOL.

Lígia Francisco ARANTES DE SOUZA
(Orientadora): Profa. Dra. Maria José Rodrigues Faria Coracini

1. Apresentação:

O trabalho em desenvolvimento está vinculado ao projeto integrado “(Des)construindo identidade(s): formas de representação de si e do outro no discurso sobre línguas (materna e estrangeira)” e tem como motivações a minha convivência com falantes de espanhol imigrantes no Brasil (vindos de países da América Latina) e meu interesse pela Lingüística Aplicada (atualmente, em especial, pelo ensino de português como Língua Estrangeira). Nosso *corpus* constitui-se por quatro entrevistas informais, realizadas com imigrantes de países de língua espanhola que estão vivendo no Brasil e que têm contato com o meio universitário, nas quais são realizadas perguntas sobre o ser-estar entre línguas e culturas.

Rastreamos no dizer de imigrantes latinos quais são as suas representações de língua, aprendizagem de português, identidade e identidade nacional e perguntamo-nos, diante do *corpus*, como os entrevistados se vêem nessa outra língua (o português) e nessa outra nação (o Brasil), como vêem o processo de aprendizagem do português e como eles se vêem na sua relação com o outro (o brasileiro) Assim, observamos nas entrevistas: (1) quais as representações de língua que os falantes de espanhol (latinos imigrantes no Brasil) têm, a partir da relação deles com a língua portuguesa e do modo como eles vêem a aprendizagem da mesma e (2) quais as concepções de identidade, tanto do sujeito entrevistado com relação a ele mesmo quanto em contraposição ao outro (o brasileiro), pensando tanto na identidade subjetiva quanto na identidade nacional. Desse modo, temos como objetivos: além de observar quais as representações de língua que os entrevistados têm, partindo da relação deles com a língua portuguesa e do modo como eles vêem a aprendizagem da mesma, promover uma reflexão sobre o ensino de português como língua estrangeira, partindo da experiência de imersão que os sujeitos entrevistados estão vivendo.

2. Reflexões teóricas:

Com o objetivo de propor um estudo científico da linguagem, no início do século XX, Ferdinand de Saussure distingue língua e fala, sendo o objeto de estudo da lingüística, a língua, considerada um sistema de signos, caracterizado por apresentar uma homogeneidade interna na relação entre as suas formas. Ao propor que os estudos lingüísticos sejam sincrônicos e ao distinguir língua de fala e definir a língua como sistema de signos, Saussure faz: (1) com que não interesse nos estudos lingüístico as relações da língua com o mundo e com o sujeito e (2) com que os estudos da linguagem sigam um novo caminho que posteriormente tomou várias direções. O trabalho do lingüista francês Émile Benveniste se inclui entre os estudos que buscam incluir o sujeito no lingüístico, considerando em seus estudos enunciativos a relação que o locutor (aquele que fala) tem com a língua.

Em 1959, Jakobson, lingüista russo, publica o texto “Lingüística e poética” no qual propõe um esquema da comunicação, baseado na linearidade, em que quem fala é considerado o emissor, aquilo que diz é a mensagem e quem escuta é o receptor – seu trabalho com as funções da linguagem tornou-se clássico. Podemos observar que a concepção de língua no trabalho de Jakobson é a de língua como instrumento de comunicação e expressão. A Análise de Discurso (Doravante, AD) discorda do sistema da comunicação proposto por Jakobson, porque em AD não se pensa a língua como algo transparente, não se considera a palavra com apenas um sentido que seja a-histórico, nem a comunicação como uma transmissão de informação. Partindo desse conceito de língua opaca, para compreendermos o texto temos que referi-lo à sua exterioridade e às suas condições de produção. O exterior é considerado constitutivo da linguagem, assim o objeto de análise da AD não é o texto, mas o discurso. Apontamos para o fato que uma diferente concepção de língua, também implica em diferentes concepções de linguagem e de sujeito. Uma vez que, pela perspectiva discursiva, o sujeito é construído na e pela língua, e a concepção de sujeito está imbricada à de identidade.

Distinguimos dois conceitos diferentes de identidade na modernidade: o primeiro que remonta ao Humanismo, período caracterizado pelo deslocamento de Deus do centro do universo, nessa perspectiva a identidade é marcada pela homogeneidade, fixidez, totalização e estabilidade. Afinal, com esse deslocamento, o sujeito toma o lugar de Deus no centro do universo. O segundo conceito é o de identidade interativa; caracterizado por ser um conjunto de características que definem um sujeito ou um grupo que, apesar de não ser fixa, traz a idéia de unidade além de uma certa estabilidade. Na perspectiva da pós-modernidade, a identidade é tratada a partir da fragmentação, do deslocamento e do descentramento do sujeito; não como fixa, mas móvel, e, além disso, híbrida,

heterogênea e constituída na e pela “alteridade”. Devido ao descentramento da concepção moderna de identidade totalizante, na modernidade tardia, a identidade é considerada “ilusória”; ou seja, ela é uma “ilusão” de unidade, inteireza, completude e totalidade; portanto, ao invés de usar o termo “identidade”, que nos traz a idéia de unidade e totalidade, prefere-se o termo identificação ou processos identitários, por serem caracterizados pela não fixidez ou mobilidade, pois, se considerarmos que a identidade não é fixa, está em construção; é um processo em constante movimento.

Partimos da concepção de que a linguagem constitui o sujeito, ou seja, de que somos constituídos no e pelo discurso, perpassados pelo inconsciente, caracterizados pela hibridez, pela multiplicidade e fragmentação, por isso, a partir desse viés, psicanalítico e discursivo consideramos, as entrevistas, o ponto de partida de nossa pesquisa. Afinal, nosso objeto de análise é o processo discursivo que está inserido nas entrevistas e o produto da análise será a compreensão dos processos de produção de sentidos e de constituição dos sujeitos em suas posições, por meio da quebra da “ilusão” de mundo estabilizado; dessa “ilusão” que nós faz pensar que somos donos do sentido de nosso dizer e que somos compreendidos.

Portanto, acreditamos que a ilusão de que somos compreendidos e o fato de não percebermos os poderes e perigos que permeiam a linguagem (Foucault, 2003) sejam condições fundamentais ao seu funcionamento. Assim, quando, na análise, o processo discursivo é atingido, o texto deixa de ser objeto de estudo, pois é o processo discursivo que dá ao analista as indicações para a compreensão da produção de sentidos.

Acreditamos que ao contar informalmente suas experiências como imigrantes no Brasil e a sua relação com a língua portuguesa, bem como sua aprendizagem, os sujeitos entrevistados constroem, nesse relato, sua identidade e, dessa forma, permitem-nos observar sua subjetividade. Portanto, podemos observar o que faz sentido para sujeito entrevistado e como eles reúnem dados e fatos para fazer sentido ao entrevistador, no caso um pesquisador brasileiro, e quais discursos estão imbricados no seu dizer. Além disso, observaremos, no discurso do estrangeiro, quais as representações que eles têm do brasileiro (esse outro) por meio de quem, em contraposição, o estrangeiro se define, já que o processo identitário se constrói pela diferença – Falamos em processo identitário, pois consideramos a identidade como algo sempre em construção, em constante mudança, e não como fixa.

No decorrer de nossa pesquisa, observaremos nessas narrativas pessoais (realizadas pelos imigrantes nas entrevistas) a relação entre a memória pessoal e a memória coletiva, uma vez que é pela linguagem que o inconsciente pode ser “percebido”; ou seja, que ele submerge. Buscamos, nessas narrativas, as emergências do inconsciente via imaginário no discurso; ou seja, pelo discurso,

para flagrar e compreender a heterogeneidade do sujeito. E pensando-o a partir da perspectiva lacaniana de inconsciente social, acreditamos que em quatro entrevistas poderemos observar quais as representações de língua, identidade e aprendizagem de português que constroem o imaginário dos alunos de português como língua estrangeira.

3. Análise do corpus:

Como nossa pesquisa está em desenvolvimento, neste artigo apresentaremos apenas a análise das representações de língua presentes em duas entrevistas. Entretanto, dando continuidade à pesquisa, analisaremos quais as representações de aprendizagem de português e, por fim, partiremos para a análise das representações de identidade. Mas, consideramos todas essas representações imbricadas. Portanto, a separação entre elas foi feita em nossa análise para torná-la mais clara e compreensível para nós mesmos. A seguinte legenda foi usada nas transcrições das entrevistas:

E:	Entrevistado(a)
P:	Pesquisadora
[]	Anotações da pesquisadora
/	Pausa na fala
//	Pausa longa na fala
:	Alongamento na pronúncia
Uso de letras maiúsculas	Maior ênfase na pronúncia

Os excertos das entrevistas de maior relevância para nossa análise serão intitulados por “A” e enumerados pela ordem em que são analisados. Já os trechos analisados serão sublinhados dentro desses excertos, que os contextualiza, e intitulados por “B”.

Respondendo à pergunta de como surgiu o interesse por aprender português, E1 (Argentina, estava no Brasil há um ano quando a entrevista foi realizada, também já viajou para a Inglaterra, França e Espanha) afirma:

[A1] E1: ... [B1] o idioma é uma barreira né? então eu queria superar isso então aprendi

P: Uma barreira pra quê?

E1: [B2] É pra comunicação / fica / quando você não pode compreender e: / não pode fazer a outra pessoa compreender você / é muito frustrante / é muito / então / como eu sou professora de inglês lá / sou formada em línguas

Podemos observar em A1 que o discurso de E1 é perpassado pela representação de língua como instrumento de comunicação e expressão. Pois,

(cf. B1), E1 propõe à pesquisadora que o idioma é uma barreira e, em B2, ao responder à pergunta “uma barreira pra quê?”, realizada pela pesquisadora, deixando claro que a sua representação de língua é de que esta tem como função primordial promover comunicação entre as pessoas, fazendo com que o que E1 diz seja compreendido. Desse modo, também podemos notar que a concepção de linguagem de E1 não considera a opacidade, mas sim a transparência, por meio da qual se pode ser sempre compreendido, não considerando os equívocos constitutivos à linguagem. Como se as palavras tivessem apenas um sentido e se a comunicação se desse pelo esquema proposto por Jakobson, caracterizado pelo emissor, mensagem e receptor. Essa representação de língua está muito presente na entrevista de E1, em A2 a entrevistada fala sobre as misturas entre a língua portuguesa e a espanhola:

[A2] E1: ... [B3] então às vezes começo a misturar e espera um pouquinho / é / tô falando português então tenho que me concentrar / português agora / agora espanhol então ahh / é difi / [risos] é um esforço muito grande às vezes

P: Aham

E1: [B4] Porque é bem rápido e todo mundo aqui como você tá aqui falando português todo mundo entende / então acaba usando esse termo / mesmo assim que você não / não quiser ... [B5] Você acaba usando /então eu acho que essas palavras têm que / você controla muito pra não não cair nesse

Em B3, E1 afirma que tenta se concentrar pra não misturar as línguas e em B4 ela diz que se controla muito, mas que nem sempre esse controle funciona (cf. B5). Portanto, ela reafirma sua concepção de língua, seguindo o modelo comunicacional proposto por Jakobson em 1960, em que o emissor é um sujeito caracterizado pela racionalidade e, dessa forma, tem controle sobre a mensagem que ele emite ao receptor; assim, ele se concentra para se expressar na língua em que está falando, evitando misturas. É interessante que o fato de E1 (cf. B4) nem sempre conseguir não misturar o espanhol e o português nos mostra que a linguagem “funciona” de modo bem mais complexo do que o modelo proposto por Jakobson, pois aquele que fala (denominado emissor, por Jakobson) é perpassado pelo inconsciente. E1 afirma que acaba usando as expressões do português, que ela chama de soluções lingüísticas, quando fala em espanhol, mesmo sem querer. Em um outro momento da entrevista E1 narra sua experiência de passar um mês na Inglaterra estudando inglês e explica como é sua relação com a língua espanhola (sua língua dita Materna):

[A3] P: Como é que é isso / falar sua língua?

E1: ... [B6] sei lá mas/ tem coisa sei lá eu não sei / tá dentro do coração a língua de um né? / então a outra mesmo assim que você fale fluente / não está no seu coração / é assim / eu fiquei assim com uma saudade terrível depois eu fiz eu foi

E1 diz que sentiu saudade ao falar espanhol na Inglaterra, mostrando que apesar de considerar a língua um instrumento de comunicação, ela não sabendo explicar bem, diz que o espanhol “ta dentro do coração”, diferente do inglês, língua na qual ela também é fluente. Entendemos “ta dentro do coração” como a relação sentimental que, sendo essa língua que mais a constitui, uma vez que pensamos a língua relacionada à cultura.

Sobre as misturas entre as línguas o E2 (mexicano, filho de americanos, que viveu dezenove anos no México, cinco nos EUA e estava no Brasil há onze meses quando a entrevista foi realizada) afirma que essas misturas eram muito comuns na sua infância e que os professores comentavam que ele não sabia diferenciar a língua inglesa e a espanhola.

[A4] E2: E e como / como cresci com os meus irmãos falando inglês e espanhol então a gente mistura a todo o tempo até agora se vamos a tomar um café ou uma cerveja juntos sempre ficamos misturando as duas línguas juntos / e falo os dois assim bem / o português estou aprendendo eu more [conjugando o verbo “morar” do português como se conjuga os verbos regulares no passado perfeito simples em espanhol] total de dezenove anos no México.

Após falar da infância E2 continua falando dessas misturas entre as línguas, agora com 25 anos (cf. A4), mas diferente de E1 ele fala das misturas como uma maneira de se comunicar melhor usando as expressões que não tem tradução exata, como uma forma de se explicar melhor.

[A5] P: E me diz uma coisa como é que é essa mistura como é que você vive essa mistura você sente alguma // é mistura do quê? simplesmente lingüística ou há algumas questões culturais aí / que aparecem que emergem / como é que você vê isso?

E2: ... [B7] mistura sei por exemplo que até em português eu eu não posso diferenciar às vezes quando estou falando espanhol quando estou falando português / provavelmente não tem a ver isso com a sua pergunta ... [B8] Então por exemplo eu tive amigos do México que chegou a visitar e passar um tempo juntos e o primeiro dia dois dias eu não conseguia falar espanhol assim era estranho / e acho que agora que vou para o México amanhã acho que eu vou ter o mesmo problema // ah agora você pode me explicar melhor a sua pergunta tem a ver com

Em A5, ao responder sobre essas misturas E2 afirma (cf. B7) que não sabe diferenciar entre as línguas e exemplifica em B8 mostrando sua dificuldade em se adaptar para falar uma língua e depois outra. Podemos observar nesse excerto de B7 “eu não posso diferenciar às vezes” que a língua para E2 não é algo que está ao seu controle – enquanto E1 afirmou que, apesar de tentar se concentrar, ela misturava as duas línguas, considerando essa mistura um erro. No final da entrevista, E2 falando sobre sua vivência nesses três países (México, Estados Unidos e Brasil) ele menciona a questão dos diferentes tipos de senso de humor.

[A6] E2: Ah outra coisa que sempre achei interessante que talvez valha a pena mencionar é o [B9] senso humor nas línguas [B10] Que é completamente diferente e o português além disso também é diferente então por exemplo o senso de humor americano e agora acho os três engraçados realmente depende da língua

É interessante a diferença que ele faz entre o senso de humor nos três países e que ele diferencia essa questão cultural (o senso de humor) o relacionado com língua, podemos notar em B9 que para E2 a questão da diferença entre o senso de humor no México, nos Estados Unidos e no Brasil se dá devido à língua, pois E2 poderia ter dito “o senso de humor nos países” ou “o senso de humor nas culturas”, mas não, para E2, o senso de humor está na língua, ou melhor, ele “realmente depende da língua” (cf. B10). Desse modo, pensando na forma como E2 pensa na mistura entre as línguas (cf. A4) e na sua relação com elas (cf. A5) e ainda na diferença no senso de humor (cf. A6), podemos observar que a sua representação de língua não é a mesma de E1. A língua para E2 está mais relacionada à cultura e não está sob o controle do falante. Assim, a comunicação não é um simples processo de transmissão de informações que segue o modelo de Jakobson, mas que recebe uma série de outras influências como o contexto em que ela se insere.

4. A guisa de conclusões:

Como nossa pesquisa está em desenvolvimento e optamos por apresentar nesse texto apenas o início de nossa análise, as possibilidades de tecer conclusões definitivas e de maior relevância tornaram-se bastante restritas. Entretanto, julgamos os dados analisados anteriormente interessantes para propormos uma discussão sobre o ensino de língua, partindo do dizer dos alunos. Sendo essa discussão importante na formação de professores, pois a base da discussão torna-se o aluno e o que ele diz sobre sua relação com diferentes línguas, como ele analisa seu processo de aprendizagem e a sua experiência entre culturas e identidades nacionais, já que ele é imigrante no Brasil. Além disso, julgamos relevante trazer a essa discussão quais as representações de identidade subjetiva que permeiam o dizer dos imigrantes entrevistados, pois pensamos a língua como constitutiva ao sujeito. Concluindo, acreditamos que a experiência de imersão, ou seja, esse contato com outra língua e cultura, altera a subjetividade dos entrevistados. Dessa forma, o ensino e, também, a aprendizagem de uma língua não deve ser considerada uma atividade simples e sem conflitos. É nesse sentido que consideramos a pesquisa desenvolvida de relevância à formação de professores de línguas e pretendemos contribuir às discussões relativas ao ensino de língua estrangeira, principalmente quanto às representações identidade do sujeito aluno.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- BACKES, Carmen. (2000). O que é ser brasileiro? São Paulo: Escuta.
- CALLIGARIS, Contardo. (1996) Hello Brasil: Notas de um psicanalista europeu viajando ao Brasil. 4º Edição. São Paulo: Escuta.
- CORACINI, Maria José Rodrigues Faria (org.). (2003) Identidade e Discurso: (des)construindo subjetividades. Campinas: Editora da Unicamp; Chapecó: Argos Editora Universitária.
- FOUCAULT, Michel. (2003) A ordem do discurso. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola.
- HALL, Stuart. (2000) A identidade cultural na pós-modernidade. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guaraciara Lopes Louro. 4º Edição. Ed. Rio de Janeiro: DP&a
- ORLANDI, Eni. (2003) Análise de discurso: princípios e procedimentos. 5º edição. Campinas: Pontes.
- PÊCHEUX, Michel. (1997) O discurso: estrutura ou acontecimento. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi. 2ª edição. Campinas: Pontes.